



ARTIGO

A algoritmização da beleza: poder, padronizações e a proliferação da harmonização facial em tempos de IA

The algorithmization of beauty: power, standardization, and the rise of facial Harmonization in the age of AI

Morgana Machado  

morganam.machado@gmail.com

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil

Maria Catarina Zanini  

zanini.ufsm@gmail.com

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil

Resumo

Uma relação complexa entre padrões de beleza, harmonização facial (HF) e inteligência artificial (IA) se manifesta na sociedade ocidental contemporânea. A IA, ao oferecer ferramentas para personalizar imagens faciais e simular tratamentos estéticos, corre o risco de reforçar padrões de beleza irreais e intensificar a pressão social sobre os indivíduos. Neste contexto, o presente estudo busca compreender a relação entre os denominados “algoritmos da beleza” e os processos de simulação estética, práticas que condicionam estilos de vida e subjetividades contemporâneas. O referencial teórico ancora-se criticamente no Capitalismo de Vigilância (Zuboff, 2019) e na crítica materialista da IA (Crawford, 2025), que a define não como neutra, mas como uma estruturação de poder que amplifica vieses sociopolíticos e opera por meio de tecnologias de classificação herdadas. Utilizando metodologias documentais (análise do e-book “Faces da Vida”) e experimentais (diálogo interativo com o ChatGPT), em uma abordagem analítica que articula a Linguística Textual (Araújo, 2025) e a Interseccionalidade (Collins; Bilge, 2020), o estudo conclui que os algoritmos da beleza atuam como enunciados performativos que comoditizam a estética e reforçam padrões eurocêntricos e heteronormativos de beleza. Os resultados demonstram que a personalização simulada da beleza, mediada pela IA, restringe a autonomia estética ao propor planos de HF que visam a “individualidade uniformizada”, condicionando as práticas de cuidado de si (Foucault, 2004) aos interesses mercadológicos do campo da estética.

Palavras-chave

Harmonização Facial. Inteligência Artificial. Padrões de Beleza. Branquitude.

Abstract

A complex relationship between beauty standards, facial harmonization (FH), and artificial intelligence (AI) is manifesting in contemporary Western society. AI, by offering tools to personalize facial images and simulate aesthetic treatments, runs the risk of reinforcing unrealistic beauty standards and intensifying social pressure on individuals. In

Linguagem em Foco

Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 09/10/2025

Aprovação do trabalho: 01/11/2025

Publicação do trabalho: 09/12/2025



10.46230/lef.v17i3.15740

COMO CITAR

MACHADO, Morgana; ZANINI Maria Catarina. A algoritmização da beleza: poder, padronizações e a proliferação da harmonização facial em tempos de IA. **Revista Linguagem em Foco**, v.17, n.3, 2025. p. 291-311. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/15740>.

Distribuído sob



Verificado com



in this context, the present study seeks to understand the relationship between the so-called "beauty algorithms" and aesthetic simulation processes, practices that condition contemporary lifestyles and subjectivities. The theoretical framework is critically anchored in Surveillance Capitalism (Zuboff, 2019) and the materialist critique of AI (Crawford, 2025), which defines it not as neutral, but as a structure of power that amplifies sociopolitical biases and operates through inherited classification technologies. Using documentary methodologies (analysis of the "Faces da Vida" e-book) and experimental methodologies (interactive dialogue with ChatGPT), in an analytical approach that articulates Textual Linguistics (Araújo, 2025) and Intersectionality (Collins; Bilge, 2020), the study concludes that beauty algorithms act as performative utterances that commodify aesthetics and reinforce Eurocentric and heteronormative beauty standards. The results demonstrate that the simulated personalization of beauty, mediated by AI, restricts aesthetic autonomy by proposing FH plans that aim for "uniformized individuality", conditioning the practices of self-care (Foucault, 2004) to the market interests of the aesthetic field.

Keywords

Facial Harmonization. Artificial Intelligence. Beauty Standards. Whiteness.

Introdução

Pensando uma sociedade pós-orgânica, David Thomas (1991) retoma o conceito de "ciberespaço" cunhado por Willian Gibson em sua famosa obra "Neuroancer" como modelo cultural, concebendo o próprio ciberespaço como um novo campo de interações e construção de significado, que deixa para trás o corpo biológico e ancora uma espécie de novo corpo, entre avatares. Estas novas pessoas, por sua vez, ao vivenciarem processos de descorporificação, transitam suas identidades para uma nova existência mediada e construída para além da fiscalidade orgânica, moldada por novas linguanges, experiências e conhecimentos, que, ao serem incorporadas, vão ter um profundo impacto em práticas e percepções, dando origem a uma espécie de sujeito digital. Sendo assim, velhas formas estéticas, institucionalizadas em seus padrões, são ressignificadas neste "novo espaço", que, embora tecnologicamente avançado em matéria técnica, ainda depende de estruturas sociais e culturais profundamente enraizadas nas construções sociais.

Neste contexto, em uma possibilidade de intersecção entre os padrões de beleza e a inteligência artificial (IA), que perpassa práticas de harmonização facial (HF) contemporânea, delineia-se um cenário complexo na sociedade ocidental contemporânea. Segundo Crawford (2025), a IA é constituida por uma história que não é de agora e que envolve processos complexos de trabalho humano, aprimoramento de dados e forças políticas, econômicas, culturais envoltas na relação ciência e tecnologia. Por meio de uma aceleração algorítmica (Cocco; Fortes, 2025) e atuando na geração das imagens faciais, a IA vem se tornando uma espécie de ferramenta personalizada da HF, atuando em prol de um campo da estética da beleza, cada vez mais mercantilizado e comoditizado (Comaroff; Co-

marroff, 2009). Neste viés, novas dinâmicas estéticas dizem respeito aos modos de amplificação e disseminação dos próprios padrões de beleza, no horizonte da busca por ideais estéticos, mas também às possibilidades de criação de novas representações ou padrões estéticos, na medida em que a IA pode gerar novas tendências de beleza. Dada uma legitimação dos padrões de beleza ao longo da história da humanidade, estas novas possibilidades estéticas podem acabar sendo potencializadas por uma histórica acumulação de dados ocidentalizados sobre beleza.

Foucault (1985) já apontava para o papel da história como pretensão para abrir futuros possíveis, e chamou a atenção para os modos como os indivíduos incorporam sentidos multidimensionais, no que se refere à temporalidade e à espacialidade, de suas tecnologias, externalizadas em suas práticas:

A interrogação filosófica não é mais saber como tudo é pensável, nem como o mundo pode ser vivido, experimentado, atravessado pelo sujeito. O problema é saber agora quais são as condições impostas a um sujeito qualquer para que ele possa introduzir-se, funcionar, servir de nó na rede que nos rodeia (Foucault 1985, p. 30).

Em meio às transformações históricas de uma sociedade que se conecta simbolicamente, em se tratando das representações de beleza, ao pensar as possibilidades de influência do meio e suas redes de poder sobre a consciência do sujeito (Foucault, 2004), o autor nos permite pensar como os enredos sociotécnicos condicionam as práticas individuais. Também Vieira Pinto (2004), ao compreender a tecnologia e seus processos técnicos como ideológicos por natureza, fornecem-nos subsídios para pensar, de forma interligada, uma relação entre os algoritmos da beleza, aqui fundados nos padrões de beleza, e que servem às práticas de manipulação de imagem e redefinem identidades e corporeidades na era digital, e uma personalização simulada da beleza, que, como auxílio da IA, permite aos indivíduos gerar imagens faciais de HF, criando planos de tratamento e simulando resultados para escolhas estéticas.

Neste cenário, uma HF contitui um rosto pós-humano (Machado, 2025) por meio de pequenas práticas linguísticas, culturais e sociais que constituem

1 É inegável que o parco debate a respeito do racismo algorítmico tem também uma vertente sociopolítica e econômica, subjacente do “poder” e branquitude de produtores/programadores de IA. Além disso, a negação do “ser racista” é uma prática extremamente comum na sociedade, ainda que essa afirmação seja contraditória e incoerente numa sociedade em que o sistema é racista (Ribeiro, 2009; Munanga, 2009; 2015).

processos de biopoder (Foucault, 1985). Nossa compreensão é de que, uma vez inseridas como estilo de vida e gosto estético, estas padronizações ganham vida própria, inserindo-se nas lógicas econômicas e simbólica mais amplas. Trata-se de uma busca pela perfeição que, sabe-se, é quase inacessível, mesmo porque são criações históricas e sociais, em constante transformação. Assim, o belo também é datado, mesmo que os indivíduos, no momento de sua busca e pelo investimento neste, não se deem conta. Desta forma, buscamos aqui, analisar como práticas digitais da HF, que moldam infraestruturas e trânsito de dados (Crawford, 2025), em uma sociedade pós-orgânica, podem gerar e reforçar padrões estéticos, com repercussão colonialista e necropolítica (Mbembe, 2018), organizando um análise de pequenas práticas, por meio de simples descrições de viés, que podem transformar em uma crítica um pouco mais aprofundada sobre a operação da IA na estrutura racializada do poder estético.

1 Metodologia

Desta forma, por meio de uma análise de conteúdo (Bardin, 2016) e metodologias documentais, que reúnem um levantamento descritivo sobre o e-book *Faces da Vida*¹ e a revista *Face magazine*², escolhidas por serem entendidas como organizadoras e armazenadoras de dados técnicos próprios do campo da estética sobre HF. Posteriormente, realizamos uma espécie de diálogo interativo das autoras sobre a relação entre o ChatGPT³ e a HF, organizando uma observação digital, por meio da interface metodológica “diálogo” com a IA, que pode ser enquadrada como um tipo de coleta de dados textuais ou visuais (prompts e respostas) para análise de conteúdo ou discurso. A metodologia dialogada é valorizada em estudos que buscam aprofundamento cognitivo e social. No contexto de um processo interativo e discursivo sobre HF (técnicas, tratamentos e procedimentos), esta prática se torna um diálogo sobre a IA e com a IA. Nosso propósito foi realizar reflexões em torno dos processos de construção de autoimagens via uma algoritmização da própria beleza que, por sua vez, via personalizações,

1 “Este e-book foi um produto desenvolvido dentro do curso de mestrado profissional da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP.” Disponível em: <https://ppg.unifesp.br/regeneracaotecnica/images/images/FACES-DA-VIDA-proc-est-faciais-min-invasivos-CAIO-CEZAR-OLIVEIRA-MENEZES.pdf> Acesso em: 06 dez. 2024.

2 Disponível em: <https://facemagazine.com>. Acesso em: 06 jan. 2025.

3 ChatGPT, do inglês, significa Chat Generative Pre-trained Transformer, é um chatbot desenvolvido pela OpenAI, lançado em 30 de novembro de 2022.

respaldam identidades e subjetividades.

Para tanto, o presente estudo propôs reflexões em torno da construção da autoimagem e da subjetividade mediada pela algoritmização da beleza, utilizando uma metodologia dialogada sobre procedimentos de Harmonização Facial (HF) com a Inteligência Artificial (IA). Indo além, articula-se a Linguística Textual (LT) com a Interseccionalidade, oferecendo um robusto arcabouço teórico-metodológico. A LT (Beaugrande; Dressler, 1981; Koch, 2015; Marcuschi, 2008), que estuda o texto em seu contexto, expande-se para o domínio digital, onde algoritmos são concebidos como textos estruturados que agenciam significados, atuando como enunciados performativos que regulam interações (Araújo, 2025). Essa abordagem permite a análise crítica da dimensão ideológica e ética do "texto algorítmico", revelando discriminações como o racismo algorítmico (Araújo, 2025).

A Interseccionalidade (Collins; Bilge, 2020; Akotirene, 2019), formulada por feministas negras, é a ferramenta analítica fundamental que demonstra como os eixos de opressão (raça, classe, gênero) se interconectam e sobrepõem inseparavelmente, moldando as desigualdades e experiências sociais. Akotirene (2019) enfatiza sua função em evidenciar a inseparabilidade estrutural de racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado no contexto brasileiro. A articulação entre LT e Interseccionalidade permite que a análise crítica do discurso (e.g., sobre mulheres em mídias) vá além da identificação de mecanismos textuais isolados (e.g., sexismo), investigando a operação simultânea das opressões que resulta em formas específicas de subalternização. Essa combinação metodológica assegura uma análise textual situada, crítica e socialmente responsável, conferindo complexidade aos fenômenos discursivos.

2 Padrões entre HF e IA: qual é meu rosto do futuro?

Desmistificando “inteligência” e “artificialidade” da IA, Kate Crawford (2025) entende a relação entre passado e presente da IA como um continuum entre tecnologias de classificação de dados que sempre serviram a interesses hegemônicos. Para tanto, as origens conceituais da IA moderna (especialmente os sistemas de classificação e reconhecimento) até o passado do século XX dispõe de uma influência de tecnologias de biometria e eugenia. Sistemas de IA que categorizam e pontuam pessoas, como os de reconhecimento facial ou avaliação de risco, não surgem ex nihilo, mas herdam e amplificam as lógicas de hierarquia e exclusão já presentes em sistemas sociais e técnicos históricos (Crawford, 2025). Longe de ser uma entidade mágica ou imparcial, para Crawford (2025), a história

da IA foi deliberadamente obscurecida pela mitologia do Vale do Silício para legitimar seu poder e desviar a atenção de suas externalidades negativas: os custos ambientais, a exploração laboral e a amplificação de vieses sociopolíticos. Reescrevendo a história da IA, a referida autora desmistifica seu histórico de progresso técnico limpo, apresentando uma cartografia que revela um sistema com uma estruturação de poder, extração de recursos, tanto materiais quanto humanos, bem como uma política de iniquidade que fazem da IA não um futuro inevitável, mas uma escolha política moldada por interesses específicos (Crawford, 2025).

A estes interesses mercadológicos com premissas neoliberais, um futuro de estética enquanto campo específico (Bourdieu, 2010) se entrelaça. Esta é sempre foi uma questão filosoficamente humana, já que se refere a complexa relação com a passagem do tempo. Entre o exterior e o interior de um corpo, as modificações naturalmente vão condicionando nossas corporeidades, muito visíveis pela face, que, por vezes, tem o “olhar-se no espelho” como ponto de partida. Contudo, a forma como percebemos nossas autoimagens foi sendo modificada e passa, necessariamente, pela incorporação de representações simbólicas e sociais e condiciona, inevitavelmente, a autonomia estética de cada indivíduo. Socialmente, estas representações sempre foram definidas (Eco, 2010), instituindo e institucionalizando uma ciclicidade em torno dos padrões estéticos (a exemplo da figura 1), para definir estilos de vida, por meio de práticas tecnológicas que se modificam historicamente, condicionando uma matemática da beleza ao longo de existência humana que vai se delineando de uma perspectiva muito individual, como se observa na publicação do Instagram. Moldando gerações, a estética algoritmizada, tem sido redefinida, “com” e “pela” tecnologia em seus largos processos entre estruturas e agenciamentos (Ortner, 2011).

Figura 1 – Reprodução de Padrões estéticos



Fonte: postagem de circulação do Instagram, perfil @frase.intelectual. Acesso em: 23 out. 2025.

Este é um caso claro de amplificação de vieses sociopolíticos inerentes à história da IA (Crawford, 2025). A IA não apenas simula, mas perpetua desigualdades, pois seus dados de treinamento (o “passado da IA”) são uma “histórica acumulação de dados ocidentalizados sobre beleza”. Uma Interseccionalidade (Collins; Bilge, 2020) exige que se analise como o algoritmo promove a norma da branquitude, sendo uma articulação estrutural de racismo, cis-heteropatriarcal e capitalismo (Akotirene, 2019). Aqui, a “individualidade uniformizada” gerada pela IA é, na verdade, uma norma estética racializada imposta. Mesmo tratando da reprodução da branquitude e a imposição de seus padrões de beleza modulados ao lodo do tempo sobre a estética ocidental, trata-se de pensar sobre como estes padrões são construídos algoritimicamente e repercutem na constituição subjetiva dos indivíduos, a partir do que Foucault (2004) compreendeu como tecnologias de si, enquanto processos e práticas dos cuidados de si, vão sendo moldadas, de maneira estratégica e política, envolvendo disciplinas corporais. Para Foucault,

Tecnologias de si, que permitem aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade (Foucault 2004, p. 323).

É justamente sobre esta interface corpo-tecnologia que funcionam as práticas de HF, fundamentadas em padrões de beleza, hoje, altamente algoritmizados. Partindo da leitura foucaultiana sobre tecnologia enquanto prática incorporada, atrelamos a ideia de algoritmo, enquanto elemento simbólico mediador intencional para uma determinada prática. Dentro de uma perspectiva lógica e de forma simplificada, um algoritmo pode ser entendido como uma receita de processamento, com uma linguagem intermediária entre a linguagem humana e a linguagem de programação (Mathias, 2017) e que articula um conjunto de regras precisas operacionalizadas por um dispositivo, permitindo-nos resolver uma sequência de instruções definidas para executar determinada tarefa. As características de um algoritmo são: entrada de dados; saída de resultados; eficiência, que se refere a sua capacidade de resolução; precisão, relacionada à clareza das instruções; e, finitude, que diz respeito ao número finito de passos utilizados pelo algoritmo para a execução da tarefa. Os algoritmos, que são a base do universo digital, estão presentes em todas as esferas da vida humana, já que, na atualidade, os cotidianos se constroem conjuntamente com computadores, celulares e todo tipo de tela que comporte interações via internet, de modo que entendemos não mais haver uma separação *on* e *offline* (Hine, 2015) na vida cotidiana. Sobre a atuação social do algoritmo, Cocco e Fortes (2025) observam um processo de aceleração algorítmica, entendido como

a velocidade com que as inovações tecnológicas, impulsionadas pelo avanço da inteligência artificial, big data e algoritmos, estão transformando os processos sociais, políticos, biológicos e a própria infraestrutura digital contemporânea, especialmente nas metrópoles, exigindo que instituições e práticas de governança se adaptarem a esse novo ritmo na produção e disseminação de informação (Cocco; Fortes, 2025, p. 46).

Especialmente no cenário das experiências estéticas inseridas no capitalismo na contemporaneidade, os algoritmos vão equacionar uma relação subjetiva que temos com os signos de beleza. Sobretudo, o campo estético da HF pode ser observado enquanto um conjunto de regras que são operacionalizadas por meio de dispositivos destinados a um processamento tecnológico da beleza. Assim, estes dispositivos são caracterizados por uma dupla tecnicidade, seja pelas próprias práticas de intervenção enquanto técnicas estéticas de tratamento e procedimentos, seja pelas técnicas algoritmizadas dispostas em filtros das redes sociais, aplicativos de edição de fotos ou de maquiagens virtuais, além de um lucrativo e-commerce da beleza, bem como consultorias sobre HF e cirur-

gias plásticas, hoje, realizadas pela IA, estruturando critérios mercadológicos e mercantilistas da beleza. Neste contexto, transitando práticas digitais e físicas, apresentam-se os algoritmos da beleza enquanto instrumentos que articulam e processam dados estéticos por meio dos padrões culturais e sociais da própria beleza ao longo de sua história.

Sobretudo, entendemos por algoritmos da beleza toda informação do campo da estética que é processada online, armazenada e disponibilizada pelas plataformas digitais, sendo articulada a modelos de negócio baseados na coleta e análise de grandes volumes de datificações oriundas dos próprios usuários e utilizadas para fins comerciais (Zuboff, 2019). Em um espaço como a internet, no qual as regras são frequentemente fracas e corroboram para o poder político das corporações de beleza, estes algoritmos elaboram a proliferação da Harmonização Facial (HF). Na interface desta dupla tecnicidade dos dispositivos algorítmicos estéticos, discursos de cientificização são assentados, justificando, na prática, uma comoditização da beleza. É importante notar que o processo de busca por publicações científicas sobre HF é, ele próprio, mediado pela mesma lógica que criticamos. Em nossas inúmeras pesquisas na plataforma Google por termos como “publicações científicas e harmonização facial”, deparamo-nos com a ação da personalização algorítmica. Conforme compreendido por Pariser (2012), este processo é desenvolvido pelas plataformas para realizar uma espécie de filtragem com base nos dados (ou vestígios) deixados em nossos históricos de busca e que podem revelar nossas preferências e comportamentos.

Desse modo, a própria combinação algorítmica, em sua inteligência lógica, resultou em uma bolha filtro que organizou as publicações disponíveis. Assim, escolhemos, dentre as muitas sugestões desse ambiente de busca personalizado (Pariser, 2012), um produto algorítmico específico: um e-book educativo para pacientes que pretendem realizar uma intervenção estética, intitulado “Faces da vida”. Nas páginas deste material, organizado por discursos imagéticos e semânticos, encontramos elementos cruciais para a análise da comoditização da beleza. Deste modo, direcionamos nossos olhares para os trechos que apresentamos a seguir.

Figura 2 – Página do capítulo 1 do e-book “Faces da Vida”

Fonte: E-book “Faces da Vida”. Acesso em: 06 dez. 2024.

Esclarecemos que não é nossa intenção discutir procedimentos técnicos próprios do campo da estética da beleza, da qual as publicações escolhidas tem propriedade. Nosso argumento é construído do ponto de vista analítico-social e cultural, no que se refere aos processos de armazenamento e retroalimentação das IAs, em suas algoritmizações moldadas por representações construtoras de padrões de beleza, hoje, altamente disseminadas nos meios digitais. Além da introdução do referido e-book, que já traz uma justificativa para a organização da publicação, que tem seu foco na profissionalização do campo da estética da beleza, o capítulo 1, intitulado “Culto à imagem” (figura 2), já evoca sentidos que conectam os procedimentos ao “autocuidado”, reiterando que a preparação dos profissionais seria um aspecto-chave para a realização de intervenções. O capítulo 2 da publicação traz a definição de um procedimento facial, que envolve esferas estética e médica: “Os procedimentos estéticos faciais são todos aqueles que têm por finalidade manter o rosto com uma aparência saudável, de acordo com a idade atual, levando ao embelezamento” (Menezes; Aloise; Ferreira, 2020, p. 4). A noção de rejuvenescimento também é um fator preponderante na defesa das práticas interventivas faciais, e, logo na introdução, o e-book já coloca as práticas dos procedimentos estéticos como um comportamento “em ascensão no mundo todo” (Menezes; Aloise; Ferreira, 2020, p. 1). Na sequência das páginas, utilizando uma linguagem especializada, os capítulos são definidos partindo dos

procedimentos em destaque, trazendo suas definições, explicações e detalhamentos sobre funcionamento, tempo de duração de efeito, aplicabilidade, cuidados e possíveis complicações: toxina butolínica (p. 5), preenchimento facial (p. 12), bioestimulador de colágeno (p. 19), peeling químico (p.26), fios de tração (p. 30), microagulhamento (p. 35), lasers (p. 40), radiofrequência (p. 45) e ultrassom microfocado (p. 49). Tentando contemplar uma diversidade de possíveis públicos que realizam estas práticas ou intervenções, as imagens que ilustram a utilização de cada procedimento são rostos diversificados em: mulheres brancas castanhas e ruivas, mulheres negras, mulheres com idade avançada, homens brancos.

Tais estratégias discursivas conectam as vivências tecnológicas à subjetividade aos seus processos identitários. Sobre isso, Sherry Turkle (2005) explora a forma como as tecnologias, entendidas enquanto digitais, entre computadores e internet, moldam nossas identidades, na construção das percepções sobre nós mesmos. A referida autora argumenta que as tecnologias digitais colaboram para uma multiplicidade identitária, fragmentando nossas identidades, por meio das desconexões possíveis entre nosso “eu autêntico” e “os outros eus”. Por sua vez, uma coerência do e-book estabelece uma equivalência semântica entre procedimento estético, autocuidado e saúde/jovialidade. O algoritmo da beleza, ao organizar este conteúdo e sugerir o e-book na bolha filtro (Pariser, 2012) , atua como um enunciado performativo (Araújo, 2025), que não apenas descreve a beleza, mas prescreve a intervenção como um imperativo de bem-estar.

Também operando como um armazenador e fonte de dados para las, outra publicação *online*, a revista “Face | Práticas orofaciais integradas”⁴ ,traz sempre em sua página inicial, o retrato de um rosto em evidência. Folheando o índice de suas edições *online* disponíveis desde 2019, observamos que as capas de cada uma dessas edições são compostas de rostos com anatomias faciais representadas em padrões eurocêntricos de beleza. Ao percorrer cada revista, diferentemente da publicação “faces da vida”, não encontramos artigos especializados, mas espaços que se pretendem a uma opinião científica, normalmente escrita em primeira pessoa, sobre experiência profissional e dados técnicos relativos aos diversos tratamentos e procedimentos de HF, resumidamente ilustrados na numem temática que classifica os assuntos mais abordados. Este processo de organização das informações sobre HF, presente tanto no e-book“Faces da Vida”,

4 Disponível em: <https://facemagazine.com.br/acesse-o-conteudo-completo-da-revista-face-v3n1/#:~:text=A%20revista%20FACE%20voltou!,revista%20FACE%20e%20boa%20leitura!> Acesso em: 23 out. 2025.

quanto na revista “Face Magazine”, pode ser entendido como subsídios sígnicos para a algoritmização da beleza, atuando como mediadores símbolos nas interações e apropriações subjetivas com HF.

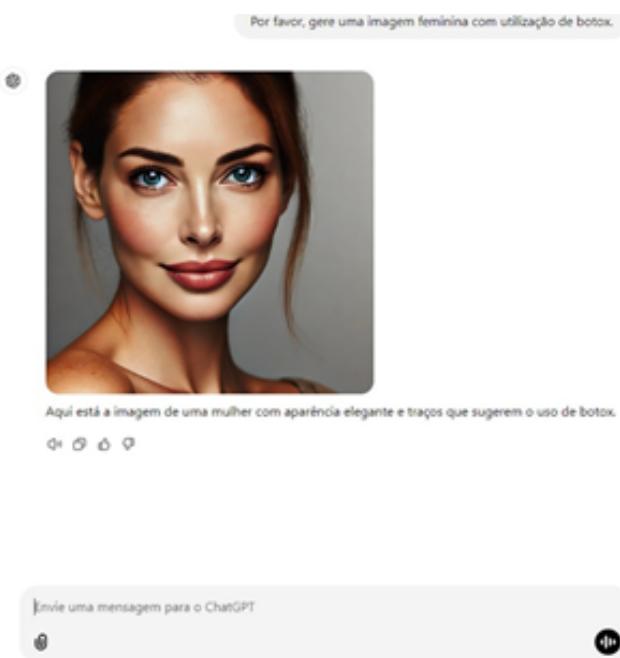
Nesta relação que molda a experiência *online*, tais algoritmos da beleza se tornam, por sua vez, mediadores para a representação e apresentação de técnicas de HF, convertendo-se em poderosas interfaces para o reconhecimento e incorporação simbólica e prática. Estes também entrecruzam modalidades das tecnologias preconizadas por Foucault (2004), que correlacionam entre si sistemas sígnicos de poder que transitam entre estruturas e corporeidades. Resta-nos questionar a natureza ideológica destes algoritmos da beleza, que, inclusive, poderão potencializar e perpetuar, ainda mais, vieses estéticos de desigualdades. Portanto, tais materiais online são exemplos de produção de dados que servem como subsídio sínico para a algoritmização da beleza e, acabam por reforçar o argumento de Crawford (2025) de que a IA herda e amplifica lógicas de hierarquia e exclusão presentes em sistemas sociais e técnicos históricos. A representação eurocêntrica nas mídias de beleza atua como fonte de dados tendenciosos, condicionando a IA a gerar resultados que perpetuam a reprodução da branquitude na estética ocidental. Assim, atuando como um subsídio sínico para o algoritmo da beleza, publicações *online* desta estirpe retroalimentam dados em IA, reforçando o que Bento (2022) e Schucman (2014) identificam como o poder hegemônico da branquitude na estética. Ao fim e ao cabo, a HF, ao ser representada quase que exclusivamente por feições eurocêntricas nessas fontes, é consolidada como uma ferramenta de conformidade à norma branca.

3 IA e práticas estéticas: como meu rosto pode ser?

Para entender a busca por beleza, é preciso compreender o poder que a experiência estética exerce sobre os indivíduos. Tanto uma história da arte, quanto uma filosofia fenomenológica, ocuparam-se de teorizar esta relação que, nos dias atuais, toma proporções significativas. Visto que a vida em sociedade se constrói por meio de processos de coesão, interação e jogos de poder, as percepções estéticas constituídas de uma perspectiva subjetiva carregam, sempre consigo, um pouco do outro. Assim, em eras de IA, as experiências interativas e pessoais podem ser, cada vez mais adaptadas, às expectativas individuais. Questionando o papel da criatividade humana na era de uma IA que correlaciona algoritmos de beleza, um processo de personalização simulada da beleza pode ser observado na produção de imagens faciais.

Por personalização estética, entendemos uma ação de se adaptar às características e gostos individuais. Com base em uma relação da lógica algorítmica própria do digital, uma personalização da beleza pode ser observada como um processo estratégico que vislumbra adaptar práticas, serviços e todo tipo de experiência, criando conexões estéticas que visam satisfazer necessidades humanas. Por meio da IA, algoritmos, que processam estas personalizações, tem a capacidade de analisar um grande volume de dados, identificando padrões para realizar recomendações com maior precisão. Contudo, dado que estes algoritmos da beleza identificam padrões estéticos para realizarem suas leituras sobre características, em se tratando de imagens faciais e planejamento facial, uma personalização simulada da beleza pode ser processada com base em padrões ocidentalizados, já que estes perfazem uma base de dados sobre a estética e as práticas de beleza.

Figura 3 – Print do ChatGPT sobre imagem feminina com utilização de botox



Fonte: Interação das autoras com o ChatGPT. Acesso em: 07 dez. 2024.

Partindo de um domínio sobre as terminologias das técnicas de HF, já articuladas pelos algoritmos da beleza, quando solicitamos ao ChatGPT para que “gere uma imagem feminina com a utilização de botox” (figura 3), imediatamente a IA nos fornece a simulação de uma imagem feminina fortemente enquadrada nos padrões ocidentalizados de beleza. Embora permitindo que os indivíduos tenham mais acesso a informações sobre beleza, estas têm suas discursividades

claramente condicionadas, reforçando padrões estéticos, podendo ainda contribuir para uma homogeneização da própria beleza.

Colaborando para reforçar a pressão estética por perfeição (Machado, 2023), as informações tecnológicas orquestradas por personalizações simuladas de beleza podem ser identificadas nas projeções sobre cirurgias plásticas, em que com o auxílio da IA, clínicas podem simular efeitos de procedimentos cirúrgicos para que os pacientes possam se visualizar nos resultados esperados com a possível intervenção. Também as consultorias de beleza *online* via IA que, com a utilização de algoritmos, podem analisar fotos do usuário, simulando e organizando instruções técnicas personalizadas sobre tratamentos e procedimentos estéticos, além de produtos de beleza e cosmética.

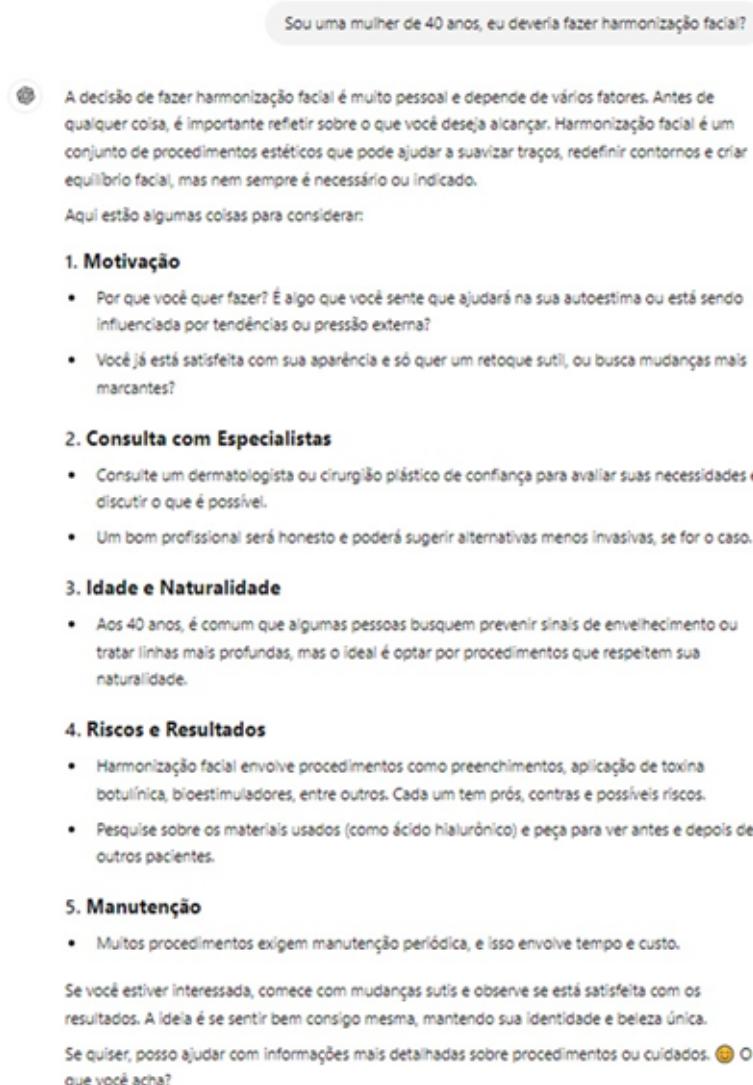
De modo que qualquer indivíduo em qualquer lugar do planeta que tenha acesso a um computador, celular ou outra tela com acesso à internet e realize esta mesma pergunta ao ChatGPT, entendemos que uma série de práticas de HF e o skincare diário podem ser coletivamente reinterpretadas não apenas como cuidados, mas como operações efetuadas sobre o próprio corpo para alcançar um estado de perfeição (Foucault, 2004). Contudo, a IA transforma a tecnologia de si em um processo condicionado e direcionado. A busca pela perfeição, que é uma construção social, é agora mediada por um algoritmo da beleza, que fornece a “receita” (Mathias, 2017) para a conformidade estética. A personalização simulada da beleza é o mecanismo pelo qual a “autonomia estética de cada indivíduo” é ilusória. A IA oferece planos de tratamento e simulações que parecem individuais, mas que são gerados partindo de um conjunto finito de regras e dados padronizados, resultando em uma “individualidade uniformizada”. O sujeito se insere na rede sociotécnica (Foucault, 1985) para funcionar dentro das normas algorítmicas, transformando-se em um “rosto pós-humano” (Machado, 2025).

Neste ponto, o conceito de Branquitude (Schucman, 2014; Bento, 2022) deve ser adicionado à fundamentação para desnaturalizar a branquitude como padrão estético e identificá-la como um lugar de poder e privilégio na estrutura social brasileira. Também a própria crítica de Crawford (2025) ao passado da IA, que herda e amplifica as lógicas de hierarquia e exclusão, ganha uma dimensão racial explícita. O banco de dados ocidentalizado que treina os algoritmos da beleza (o “passado da IA”) carrega um vício colonial, resultando em um algoritmo racista ou, no mínimo, racialmente enviesado. Por fim, a interseccionalidade proposta por Collins e Bilge (2020) e Akotirene (2019) permite entender como o racismo opera estruturalmente junto ao capitalismo e ao cis-heteropatriarcado.

A branquitude, nesse contexto, é a norma não marcada que a IA privilegia, tornando a HF um instrumento que visa a aproximação performativa a esse ideal eurocêntrico.

Entendemos que a IA não apenas fornece um ideal de beleza, mas reforça ativamente a branquitude como o arquétipo da “mulher elegante” após a intervenção. Isso evidencia que a personalização simulada da beleza é processada com base em padrões ocidentalizados, atuando como uma tecnologia que perpetua o racismo algorítmico (Araújo, 2025), ao invisibilizar ou subalternizar outras corporalidades e feições. Este histórico visual demonstra a ciclicidade dos padrões estéticos brancos, que, quando datificados, fornecem o input para a IA. O algoritmo, ao processar essa acumulação histórica de dados ocidentalizados, potencializa a perpetuação de vieses estéticos de desigualdades, com repercussão que pode ser analisada sob a lente da necropolítica (Mbembe, 2018), na medida em que a não-conformidade à norma branca pode levar à subalternização estética e social.

Para identificar a ação das consultorias de beleza pela IA, decidimos realizar uma espécie de diálogo interativo com o ChatGPT buscando orientações personalizadas para HF. Inicialmente, consultamos a IA para perguntar se deveríamos fazer HF, de acordo ainda com as faixas etárias das autoras (figura 4). Partindo do pressuposto de que temos entendimento sobre o que é HF e sua conjuntura de características que, na sociedade atual, está bastante naturalizada entre os indivíduos nos centros urbanos, perguntamos se deveríamos realizar procedimentos de HF.

Figura 4 – Print de diálogo com ChatGPT para questionamento sobre a realização de HF

Fonte: interação das autoras com ChatGPT. Acesso em: 07 dez. 2024.

A interação com o ChatGPT sobre Harmonização Facial (HF) revela a construção de um discurso algoritmizado que normatiza e mercantiliza a estética em sociedades ocidentais.

A IA define HF com base em um equilíbrio estético de jovialidade, doutrinando as mulheres a “suavizar traços e redefinir contornos”. O léxico da IA, utilizando termos como “benefícios”, “naturalidade” e “manutenção”, confere aceitabilidade (Beaugrande; Dressler, 1981) à intervenção, correlacionando ações estéticas individuais a um sistema capitalista de consumo. Ao solicitar um plano de HF personalizado (para uma mulher de 40 anos), a IA, mesmo sem dados vi-

suais, sugere procedimentos (botox, preenchimentos) e uma rotina de skincare diário (Machado, 2023; Mauss, 2003). O “acompanhamento psicológico” sugerido para “garantir expectativas” destaca a dimensão ideológica do texto algorítmico (Araújo, 2025): o sistema individualiza a “falha” (expectativa irrealista), desviando o foco da pressão estética socialmente e algorítmicamente reforçada. Em outro diálogo sobre uma mulher de 60 anos, o ChatGPT ajusta a frequência de procedimentos e sugere fios de sustentação para tratar a flacidez, reiterando recortes estéticos que valorizam uma heteronormatividade (Butler, 2012) que luta ainda contra o envelhecimento. Para tanto, a escolha lexical da IA (“suavizar”, “atenuar rugas”, “repositionar volume”) revela a constituição de um léxico da mercantilização ou comoditização da beleza. Desta forma, a própria IA atua como um mediador que interpreta e veicula informações padronizadas de beleza, consolidando a HF enquanto tecnologia cultural e ferramenta tecnológica para grandes corporações (Bourdieu, 1996; Comaroff; Comaroff, 2009), enrijecendo os padrões estéticos ocidentais e afetando os ethos e estilos de vida (Geertz, 2011). Uma união entre IA e HF, que, por sua vez, enrijece padrões estéticos ocidentais, consolida a própria HF enquanto ferramenta tecnológica para grandes corporações de beleza (Comaroff; Comaroff, 2009).

Considerações Finais

Na sociedade pós-orgânica que envolve novos modos de apropriação das tecnologias foucaultianas do eu, entendemos os algoritmos da beleza como ferramentas que moldam a subjetividade e as práticas corporais, evidenciando novos métodos de fabricação do rosto. Enquanto sequências lógicas de instruções, estes atuam como mediadores entre a linguagem humana e a máquina, processando dados e gerando resultados específicos. Evidentemente, no contexto da beleza, os algoritmos, ao analisarem grandes volumes de imagens e dados, estabelecem padrões estéticos que influenciam a percepção e o desejo em relação ao corpo. Se ao longo da história, os padrões de beleza foram construídos social e culturalmente, agora, os algoritmos da beleza, ao amplificar e difundir esses padrões, contribuem para a naturalização de ideais estéticos específicos, muitas vezes eurocêntricos e idealizados. Essa naturalização, por sua vez, exerce uma forte influência sobre a autoestima e o comportamento dos indivíduos, incentivando a busca por procedimentos estéticos e a conformidade a padrões de beleza cada vez mais restritos e que vislumbram, de algum modo, uma “individualidade uniformizada”.

A HF, nesse cenário, pode ser compreendida como um conjunto de práticas que se baseiam em algoritmos para definir e alcançar este ideal comum de beleza. Tais algoritmos, ao processar dados sobre proporções faciais, simetria e outros atributos considerados esteticamente agradáveis, moldam as intervenções estéticas e reforçam os padrões de beleza dominantes em uma determinada cultura, em especial, a beleza ocidentalizada. A IA que por sua vez, tem revolucionado diversos setores da sociedade, incluindo a indústria da beleza, em seus processos interativos baseados em bancos de dados que são fruto de todo um processo científico e tecnológico ocidental, desenvolve uma capacidade de gerar imagens e interagir sobre temas como a HF, muitas vezes inalcançáveis para a maioria das mulheres, o que, naturalmente, tem moldado novos padrões de beleza. No entanto, essa influência levanta questões cruciais sobre como utilizamos a tecnologia e como construímos nossas próprias identidades tecnológicas, que são ideológicas por natureza.

Em matéria de estética, a constante exposição a imagens perfeitas e irreais pode sugerir controversos sentimentos e comportamentos. Esta disseminação de padrões de beleza idealizados pela IA pode aumentar a pressão estética heteronormativa (Butler, 2012) sobre os indivíduos, mais vulneravelmente, as mulheres, a se adequarem aos mesmos, devido ao complexo que envolve o que denominamos corporeidade facial ou facialidade. A relação entre algoritmização da beleza e seus processos de personalização tem uma influência direta sobre o comportamento de consumo das mulheres, na medida em que, ao viabilizar informações estéticas sobre HF, incentiva a busca por procedimentos estéticos e produtos de beleza. Ainda relacionado a este processo, uma personalização de anúncios e recomendações, baseada nos algoritmos da beleza, direciona consumidoras para produtos que prometem transformar sua aparência, reforçando os ideais físicos e estéticos, enquanto cosmovisão ocidental de mundo que, ao longo do tempo, vem, cada vez mais, perpetuando desigualdades e estereótipos.

Ao fim, nossa investigação procurou observar como a Harmonização Facial (HF), potencializada pela Inteligência Artificial (IA) e seus “algoritmos da beleza”, arrasta-se para uma perigosa lógica de padronização estética. Ao processar e retroalimentar dados majoritariamente ocidentalizados, estes dispositivos atuam como enunciados performativos (Araújo, 2025) que prescrevem uma “individualidade uniformizada”, mascarando a coerção estética sob o discurso da personalização simulada. Tal dinâmica consolida o poder normativo (Butler, 2012) e mercadológico sobre a corporeidade facial, inserindo as práticas de autocuida-

do, as Tecnologias de Si (Foucault, 2004) , no âmbito do Capitalismo de Vigilância (Zuboff, 2019). Contudo, é fundamental que, diante da aceleração algorítmica (Cocco; Fortes, 2025), os indivíduos busquem formas de agência e resistência.

É devido a essa potência amplificadora da IA, que atua como ferramenta de algoritmização da beleza, especialmente no que se refere à facialidade feminina, que se torna imperativo que a sociedade desenvolva um olhar crítico sobre seu papel e suas implicações. Este olhar deve levar em consideração questões éticas cruciais, como a origem dos dados e o inerente potencial de manipulação do comportamento humano (Zuboff, 2019). É justamente essa consciência crítica sobre a origem dos dados e o risco de manipulação que se revela crucial para desmantelar bolha filtro (Pariser, 2012) de uma branquitude estética, permitindo que a reflexão sobre a beleza seja conduzida pela diversidade e pela autonomia subjetiva, e não por imperativos tecnocapitalistas que enrijecem o corpo e a identidade.

Referências

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARAÚJO, J. **Necroalgoritmização**: notas para definir o racismo algorítmico. São Paulo: Mercado de Letras, 2025.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BEAUGRANDE, R. de; DRESSLER, W. **Introduction to text linguistics**. London: Longman, 1981.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, P. **Regras de arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BUTLER, J. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”**. Buenos Aires: Paidós, 2012.

COCCO, G.; FORTES, F. Aceleração algorítmica, crise da soberania e noopolítica: a batalha pelo controle das redes. **Lugar Comum**, Rio de Janeiro, n. 72, p. 43-69, 2025. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/68200> Acesso em: 23 out. 2025.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.

COMAROFF, J.; COMAROFF, J. L. **Ethnicity, Inc.** Chicago: University of Chicago Press, 2009.

CROWFORD, K. **Atlas da IA**: poder política e os custos planetários da inteligência artificial. São Paulo; Edições SESC, 2025.

ECO, U. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, M. **Tecnologias de si**. verve, 6: 321-360, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5017/3559> Acesso em: 02 dez. 2024.

GEERTZ, C. **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

HINE, C. **Ethnography for the Internet**: embedded, embodied and everyday. Bloomsbury: Lenders, 2015.

KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MACHADO, M. **As eremitas da beleza**: recortes etnográficos sobre estética facial contemporânea em Santa Maria – RS. 2023. 215 f. Tese (doutorado em Ciências sociais) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFSM). 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/29747> Acesso em: 5 set. 2024.

MACHADO, M. O Rosto Pós-humano: Interfaces entre práticas de Harmonização Facial e processos contemporâneos de Ciborguização do feminino. **PontoUrbe**, v. 33, n. 1, p. 1-21, 2025. Disponível em: <https://revistas.usp.br/pontourbe/article/view/229348> Acesso em: 23 out. 2025.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MATHIAS, I. M. **Algoritmos e programação**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2017. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/176223/2/Algoritmos%20e%20Programa%C3%A7%C3%A3o%20EBOOK.pdf> Acesso em: 10 out. 2024.

MENEZES, C.; ALOISE, A. C.; FERREIRA, L. M. **Faces da Vida: procedimentos estéticos minimamente invasivos**. São Paulo: UNIFESP, 2020. Disponível em: <https://ppg.unifesp.br/regeneracao-ecidual/images/imagens/FACES-DA-VIDA-proc-est-faciais-min-invasivos-CAIO-CEZAR-OLIVEIRA-MENEZES.pdf> Acesso em: 06 dez. 2024.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

ORTNER, S. B. Teoria na antropologia desde os anos 60. **Mana**, v. 17, n. 2, p. 419-466, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/vW6R7nths99kJDjSR79Qcp/?lang=pt> Acesso em: 23 out. 2025.

PARISER, E. **O Filtro Invisível**: o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

THOMAS, D. **Old rituals for new space**: rites of passage and Willian Gibson's cultural model of cyberspace. En M. Benedikt (Ed.), *Cyberspace: The first steps*. Cambridge: MIT Press, 1991.

TURKLE, S. **The Second Self**: computers and the human spirit. London, Massachusetts: The MIT Press, 2005.

VIEIRA PINTO, A. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

ZUBOFF, S. **The Age of Surveillance Capitalism**: the fight for a human future at the new front-

tier of power. New York: Hachette, 2019.

Sobre as autoras

Morgana Machado - Doutora em Ciências Sociais (UFSM). Pós-doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (UFSM). Professor voluntária no Departamento de Ciências Sociais (UFSM). E-mail: morganam.machado@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6566556403499727>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-4669-416X>.

Maria Catarina Zanini - Pós-doutora pelo Museu Nacional (MN-UFRJ). Professora Titular da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Coordenadora do NECON/UFSM (Núcleo de Estudos Contemporâneos). E-mail: zanini.ufsm@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4222381114451307>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-4523-9915>.